

Recessão amplia crise na capital

Carlos Max

A queda na qualidade de vida da população do Plano Piloto, apontada pela pesquisa do Instituto Soma, Opinião e Mercado, pode ser explicada pela contínua redução verificada nos índices de crescimento econômico da cidade, que até o início dos anos 70 chegou a atingir, na média, 14% ao ano. Ao final dos anos 80 a queda nos índices de crescimento mostrou-se alarmante, média de apenas 4% ao ano. A explicação, com base nos dados estatísticos, é do presidente da Sociedade Habitacional de Interesse Social (Shis) do Distrito Federal, Nelson Tadeu Felipene.

Uma das principais conclusões da pesquisa, em que 77% dos entrevistados consideram o fluxo migratório desordenado para o Distrito Federal como causa principal do empobrecimento da cidade, é questionada pelos dados de Felipene. Recente pesquisa realizada pela UnB (Universidade de Brasília) demonstra que 77% dos migrantes tinham moradia em suas cidades de origem. "O que eles buscam realmente é um melhor tratamento de saúde e novas oportunidades de emprego", constata o presidente da Shis.

Retrato do país — Na opinião do governador do DF, Joaquim Domingos Roriz, o "aumento da pobreza e da marginalidade na capital federal é uma realidade incontestável, mas tal situação não é um privilégio nosso, apenas retrata a situação atual do país". Ao assumir o governo da capital federal pela segunda vez — na primeira ele havia sido nomeado para o cargo pelo ex-presidente José Sarney — Roriz resolveu dar prioridade justamente para aquelas áreas consideradas pela pesquisa como as mais dramáticas e de menor eficiência, casos da educação, transportes e saúde.

O secretário de Saúde, Jofran Frejat, reconhece que nos últimos sete anos os serviços de atendimento médico e hospitalar caíram a níveis quase desesperadores, colocando Brasília numa situação incômoda diante de outras unidades da Federação. O lamentável é que, em 1981, a capital federal detinha um dos menores índices de mortalidade infantil de todo o mundo, apenas 23 óbitos para cada mil crianças, de acordo com os critérios da ONU, relata Frejat. Devido a essa situação, em apenas 90 dias de Governo, Roriz liberou Cr\$ 3 bilhões para a área de saúde visando eliminar a falta crônica de esparadrapo, gaze, seringas e remédios na rede hospitalar da cidade.

Ainda na área da saúde, o governador estabeleceu um plano de emergência para a recuperação definitiva do Hospital de Base de Brasília (HDB), que poderá abrigar um centro de tratamento de doenças cardíacas nos moldes do Incor de São Paulo. Frejat está encarregado de construir até o final da administração Roriz quatro novos hospitais, sendo que um deles, o da cidade-satélite de Paranoá, já dispõe de recursos financeiros garantidos pelo presidente Fernando Collor. Em dois anos, garante o secretário, "iremos recuperar o sistema e dar segurança àqueles que procuram a rede hospitalar de Brasília".

Déficit habitacional — Para o presidente da SHIS o país enfrenta uma demanda reprimida de dez milhões de moradias, em consequência da completa ausência de investimentos nesse segmento nos últimos sete ou oito anos. O dramático, diz ele, é que não "conseguimos produzir casas a um custo capaz de atender às famílias com renda mensal de até 3,5 salários (Cr\$ 70 mil). Em função desse quadro de franca deterioração da oferta de moradia, Roriz resolveu criar seu programa de assentamento populacional e de remoção de favelados do Plano Piloto. O mais polêmico deles, da cidade-satélite da Samambaia, contempla famílias com renda mensal de até 5 salários mínimos. Pesquisas de três institutos demonstram um grau de satisfação dos moradores de Samambaia acima de 70%, embora o percentual hoje seja inferior aos índices obtidos por Roriz nas eleições de outubro do ano passado, acima de 85%.